

COMUNICAÇÃO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL: O CASO DO INSTITUTO AMBIENTAL VIDÁGUA

Katarini Miguel
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru

Resumo

O movimento ambiental é um dos principais responsáveis pela proliferação das temáticas ambientais, tanto nos veículos de comunicação, como na agenda pública. Neste sentido, o presente artigo propõe a reflexão sobre a comunicação dos movimentos ambientais, as formas como se expressam na mídia e na cultura contemporânea. Para isso, discute-se a origem do movimento ambiental, a criação de sua identidade midiaticizada e seu papel na diversidade de reivindicações da sociedade contemporânea. Para complementar a análise bibliográfica, é apresentado um estudo de caso de uma organização não governamental ambiental do município de Bauru, Instituto Ambiental Vidágua, que atravessou a trajetória das novas tecnologias e tem nos veículos de comunicação o principal instrumento para difundir as problemáticas locais, conseguir se estabelecer como fonte de informação.

Palavras-chave: Movimento Ambiental; ONGs; Mídia digital

Abstract

The environmental movement is one of the principal responsible of the spread about environment themes in communication vehicles and in the public interest. By this way, this work wants to propose a reflection above the communication from the environmental movement, the shapes as if they express on media and on contemporary culture. About to that, talks over the origin of the movement environmental, the creation of your ID in the media and your role in the diverseness of claims from contemporary society. About to complementary the bibliographic analysis, has been made a study from a no governmental organization of the city of Bauru, Environmental Institute Vidágua , which crossed the trajectory from the new technologies and has on the communication vehicles the main instrument to spread the local problematic and to obtain to establish itself as source of informs.

Key-words: Environmental; Non-Governmental Organization; Digital Media

1 INTRODUÇÃO

A temática ambiental está em ascensão. O assunto tornou-se mais evidente, passou a ser pauta dos meios de comunicação, e conseqüentemente, da agenda pública e da preocupação política.

A problemática surgiu nas últimas décadas do século XX como uma crise de civilização, questionando a racionalidade econômica e tecnológica dominantes. Com isso, novas organizações da sociedade civil despontaram interessadas em um modo alternativo de relação sociedade e natureza. O movimento ambiental ganhou real impulso com a Conferência Rio 92. Foi a partir de então, que passou a ilustrar publicações, rádios e TVs como um novo ator social, que prega a diversidade e igualdade nas relações da sociedade e também no âmbito da comunicação.

Com a realização desta e outras conferências, Freire (2003) avalia que foi possível compreender que a questão ambiental é interdisciplinar, em que se entrecruza o conhecimento técnico científico, as normas e valores, o estético cultural, regidos por razões diferenciadas. O autor prega que a solução dos problemas ambientais não é de natureza técnica, mas de uma opção político cultural e de um novo paradigma, que deve catalisar a formação de novos valores e promover a percepção em várias direções.

O movimento, que nasceu para defender a natureza, também desde sua fundação demonstrou um caráter midiático, que contribuiu com sua legitimidade na sociedade e para difusão de novos conceitos relacionados, principalmente, à qualidade de vida e desenvolvimento sustentável.

O presente artigo discute como as ONGs (Organizações Não Governamentais) tornaram-se referência na questão ambiental, sendo exaustivamente procuradas como fontes de informações, formuladoras de conceitos, de novas diretrizes e pautas para a imprensa e sociedade. A visibilidade conquistada, através do discurso propício para a imprensa, ganhou força com as novas tecnologias, em especial com o uso da Internet, vista por Castells (2003) como um meio ideal de interação e organização social.

Além de avaliar a ascensão das ONGs dentro do sistema comunicativo, o trabalho tem como objetivo apresentar o estudo de caso de uma organização não governamental ambientalista, Instituto Ambiental Vidágua. O estudo evidencia a relevância das novas tecnologias para a consolidação do movimento ambiental brasileiro e para o aperfeiçoamento da divulgação de informação, que pode atuar significativamente sobre a consciência ambiental e conseqüente melhoria da qualidade de vida de uma população.

2. A importância de estratégias comunicativas para gerar benefícios coletivos

Conteúdos simbólicos são determinantes para o desenvolvimento de uma sociedade. A comunicação exerce um papel crucial neste sentido, na medida em que é vista como um processo, que pode contribuir para o desenvolvimento e conseqüente qualidade de vida.

As novas tecnologias propiciam o desenvolvimento de modelos comunicativos e de educação aplicados a formação permanente, que estão modificando as estratégias institucionais de gestão, regulação e organização da socialização do saber e do conhecimento, colocam Druetta e Caballero (2007). Neste sentido, eles lembram que a reestruturação cultural do meio educativo/informativo, através de meios de comunicação significa um processo de reconversão da dinâmica científico-tecnológica entre o sistema educativo e a indústria eletrônica.

Segundo os autores, a introdução de novos sistemas de informação e comunicação, em especial no setor educativo, deve ser analisada, porque indica as tendências de integração e globalização econômica no contexto informacional da contemporaneidade, e pode constituir um campo estratégico de transformações culturais.

O sistema educativo apresentou mudanças ao longo dos anos, de acordo com as necessidades de mediação tecnológica e de modelos de reprodução social, contemplados em políticas de comunicação e educação. Druetta e Caballero lembram que na década de

60 governos europeus e norte-americanos, junto com países da América Latina implementaram programas nacionais destinados a integrar os meios de comunicação na sala de aula, partindo para uma concepção integradora.

Já na década de 90, surgiram as políticas educacionais, que inspiraram múltiplas iniciativas públicas de desenvolvimento da denominada Sociedade da Informação.

A educação formal tem suas perspectivas registradas em documentos oficiais internacionais de organismos como UNESCO, Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento. Os autores explicam que o documento da Unesco sobre educação superior, em seu artigo 12, fala da necessidade de criar novas ferramentas pedagógicas que ofereçam serviços de educação a distância e sistemas virtuais de ensino, a partir justamente da convergência das mídias e do aporte digital.

É fato que novos sistemas tecnológicos podem corrigir graves desigualdades existentes, quando no contexto de políticas de comunicação para o desenvolvimento, mas é preciso considerar o abismo digital que ainda persiste, o que limita a apropriação e dimensão cultural.

Mas algumas questões feitas pelos autores precisam ser discutidas:

Que grupos e agentes sociais atuam no cenário global como determinantes para a sociedade do conhecimento? Que alternativas de intervenção e transformação educacionais são viáveis na atual política cultural? Que outras lógicas podem permear o

acesso ao conhecimento, à formação e à cultura?

Estas mesmas questões podem ser colocadas fora do âmbito formal da escola institucionalizada e do governo como promotor das necessidades básicas. Muitas organizações, associações e grupos não governamentais atuam com comunicação para o desenvolvimento, oferecendo um novo cenário a um público ávido por informação.

A inclusão tecnológica foi proporcionada pelas ferramentas digitais que universalizaram, de maneira relativa, o acesso a informação e a produção de conhecimento.

Trata-se de uma revolução digital, com supressão dos intermediários ou ainda com novos “cidadãos intermediários”, que não precisa estar galgada em forças econômicas e políticas. Aqui se adota o conceito de novos agentes produtivos, que difundem conhecimento, sem necessariamente controlar sua produção.

Segundo Castells (2000) as novas tecnologias da informação têm qualidades descentralizadoras e flexíveis que contribuíram para uma nova morfologia social, tanto no campo tecnológico como no surgimento de uma economia informacional.

A Internet é colocada como uma estrutura dialógica, interativa, transparente, descentralizada e auto-gestionada, mas ainda persiste a exclusão, tanto pelo acesso restrito devido as condições econômicas, como por falta de instrumentos intelectuais, que permitam fazer um uso crítico e produtivo do acesso a rede. Neste sentido, a rede esconde uma realidade de centralização de plataforma, estrutura, idioma que também dificultam o acesso. Desta forma, se faz necessário relativizar as visões que acreditam que as novas

tecnologias podem revolucionar hierarquias e regular a segregação.

Mas partindo de uma visão positiva das novas tecnologias, pode-se avaliar que a mídia digital proporcionou a inclusão de grupos antes minoritários em uma agenda pública, em que o cidadão tem papel pró-ativo dentro do processo de comunicação. Entre estes grupos, certamente está o movimento ambiental.

Para Leff (2002) a crise do Estado e da legitimidade fizeram emergir uma sociedade em busca de um paradigma civilizatório. Assim, despontam os movimentos sociais e ambientais, que acabam por povoar a cena política, com novos valores, perspectivas e métodos. Além disso, o autor considera que estes movimentos evidenciam demandas de participação social e de luta pelo poder, ao abrir novos espaços de confrontação e negociação, relacionados à apropriação da natureza. Para o mesmo autor, o discurso ambientalista, divulgado institucionalmente e pela mídia, insere-se numa estratégia de mudanças tecnológicas e sociais, que estimula uma produção de conhecimentos e formas alternativas de organização social e produtiva e maneiras de se comunicar.

A diversidade cultural do ambientalismo conseguiu pluralizar a oferta de produtos e demandas informacionais, uma vez que lida com diversas linguagens, formas culturais e conteúdos interdisciplinares. A própria sociedade do conhecimento pressupõe mudança e novas pautas de reprodução social.

Este tipo de comunicação minimiza a constituição oligopólica das indústrias de comunicação, a partir da criação de novos meios de expressão que conservam uma certa identidade e diversidade. É certo que o paradigma ecológico da conectividade, que

prega o holismo, autonomia e o respeito mútuo, fatores agregados ao movimento ambiental, deve ser incorporado na comunicação.

Mas vale ressaltar que não há um único movimento ou discurso ambiental. Para Jacobi (2000) uma das características mais importantes do movimento ambientalista é a sua diversidade. Devido, segundo o autor, ao amplo espectro de práticas e atores, o que lhe confere um caráter multissetorial, que congrega inúmeras tendências e propostas, considerando valores como equidade, justiça, cidadania, democracia e conservação ambiental.

Na opinião de Castells (2000) avaliando a produtividade histórica dos movimentos sociais, por seu impacto em valores culturais, o movimento ambiental foi o que adquiriu o maior destaque, em parte por sua capacidade de se comunicar e por ter transpassado diversos setores da sociedade, atingindo plataformas políticas e empresariais.

Para o mesmo autor (p.12) o movimento ecológico foi o que mais questionou as condições presentes de vida, e não há setor de lutas e reivindicações que o movimento ecológico não seja capaz de incorporar. “Sob a chancela do movimento ecológico, veremos o desenvolvimento de lutas em torno em torno de questões as mais diversas: extinção das espécies, desmatamento, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água”.

Castells define o ambientalismo como formas de comportamento coletivo que atuam no discurso e na prática para corrigir formas destrutivas de relacionamento entre homem e seu ambiente natural, mas com concepções diversas.

Ele lembra ainda que o ambientalismo serviu como fonte de inspiração para contraculturas dos anos 60 e 70, que procuravam formas diversas de sobreviver, alternativas às relações já institucionalmente definidas pela sociedade, visando, neste caso, o respeito à natureza.

A cultura, inclusive, é uma grande aliada dos ambientalistas, que procuram conhecer as peculiaridades das comunidades locais e preservar também as tradições dos povos. Para Castells (p.159) “o ambientalismo suplanta a oposição entre cultura da virtualidade real, subjacente aos fluxos globais de riqueza e poder, e manifestação das identidades culturais ou religiosas fundamentalistas”.

As organizações ambientalistas, na maioria das vezes, atuam em âmbito local, restrito, mas têm confiança justificada, porque os problemas localizados refletem mundialmente. E discutem questões transnacionais e interdisciplinares que vão desde o depósito irregular de lixo nos bairros à questões de Biopirataria e Protocolo de Kyoto.

O fato é que as questões ambientais já estão incorporadas em grandes empresas, em plataformas políticas e em especial nos veículos de comunicação. Esta abrangência se deu, em partes, pela ascensão e visibilidade do movimento ambiental, amparada pela midiaticização do discurso ambientalista.

3. A mídia digital e a formação de redes no movimento ambientalista

As organizações se adaptaram facilmente as condições de comunicação e aos novos paradigmas tecnológicos. É certo que com a consolidação do ambientalismo, reconhecimento público e agregação da diversidade, multiplicaram-se os canais de acesso a informações, o que se configura como estratégico para o movimento ambiental. E mais que isso. O crescimento em número e tamanho das ONGs, o ganho em visibilidade e legitimidade, possibilitaram a articulação, formação de redes e outras dinâmicas organizacionais para trocar informações, dividir tarefas e ampliar o alcance das iniciativas, como observa Jacobi (2000).

Cerca de 70% das ONGs ambientais do Brasil, cadastradas no CNEA (Cadastro Nacional de Entidades Ambientistas) tem preocupação com a divulgação, ou pelo menos com a troca de informações e mantém *sites* institucionais e ou e-mails de correspondência. Isso porque, no Brasil, o acesso a Internet ainda é tímido.

Castells (2000) considera a Internet a ferramenta de comunicação preferencial para organizar e mobilizar o movimento ambientalista em todo o mundo. Por meio da Internet, o movimento se organiza, marca encontros, aprova moções, organiza conferências e manifestações. O surgimento da Internet, no final de década de 60, coincidiu com a formação dos movimentos ambientalistas, que posteriormente buscaram nesse instrumento um espaço de reivindicações, denominado pelo autor (2003) como *libertário*. Ele ainda lembra que movimentos de valores,

como os ambientais, dependem da capacidade de comunicação para conseguir recrutar apoio a causa e legitimar sua existência.

Castells (2000) comenta a relação ambígua que o ambientalismo teve com a ciência e tecnologia. A crítica inicial, feroz a tecnologia, se transformou em desenvolvimento do conhecimento biológico informatizado, que auxiliam os movimentos. “Por um lado, há uma profunda descrença nos benefícios proporcionados pela tecnologia avançada (...) por outro, o movimento deposita muita confiança na coleta, análise, interpretação e divulgação de informações científicas” (Castells, 2000, p.154).

O ambientalismo já consolidado em bases científicas e tecnológicas, encontrou na Internet um ambiente descentralizado, dinâmico, de alcance irrestrito, sem altos custos, sem a necessidade da utilização de papéis e impressão, que auxilia a comunicação, tanto entre o próprio movimento, como entre seus públicos, e vai mais além. Partidos, sindicatos, organizações não governamentais e até grupos guerrilheiros, ainda que eventualmente separados por estratégias e táticas de ação, descubrem no ciberespaço possibilidades de difundir suas reivindicações, de maneira irrestrita. Para Castells (2003, p.277) a Internet é “a estrutura organizativa e o instrumento de comunicação que permite a flexibilidade e a temporalidade da mobilização”.

As denúncias, pressões sociais, difusão de conceitos ocupam os *sites* institucionais, circulam entre os e-mails, entre os informativos eletrônicos e ganham ascensão.

Com apoio da dinâmica virtual, outras formas de comunicação se expandiram no seio do ambientalismo. Para Jacobi (2000) o ponto de inflexão do movimento ambientalista ocorre

com a constituição de fóruns e redes, que têm importância estratégica para ativar, expandir e consolidar o caráter multissetorial do ambientalismo. Estas sistemáticas tiveram impulso na década de 80, com desenvolvimento de tecnologias de informação.

Mas Jacobi alerta que se trata de um processo bastante complexo, em virtude da sua heterogeneidade tanto organizativa, como ideológica. O autor (p.33) coloca que as redes sócio-ambientais potencializam as entidades na esfera pública como atores pluralistas e questionadores, “que exercem pressão, criam consciência ambiental, mas também são propositivos, visando reduzir os riscos de degradação das condições socioambientais, tanto em nível de atuação local, como regional e transnacional”.

As redes se fortalecem pela sua capacidade de instrumentalizar os alcances das

novas tecnologias de informação e a sua influência nos processos decisórios. Isto porque como lembra Jacobi, as redes articulam demandas, unem esforços, disseminam denúncias, propostas e relacionamentos, através das tecnologias da informação.

Para Jacobi a expressão ambientalista, através de redes acaba por explicitar a riqueza intersubjetiva, organizacional e política do movimento, buscando consensos, tratados e compromissos de atuação coletiva.

A atuação em rede do movimento ambientalista encontra relações na sociedade em rede pregada por Castells (2000). Apoiada pela Internet, a sociedade em rede, acaba por formar novas identidades culturais, como lembra o autor, regidas pela vida sustentável, que visa reconstruir a sociedade global em bases ecologicamente viáveis e socialmente mais justas.

4 Estudo de caso

4.1 A gestão da comunicação voltada para conscientização

Com o objetivo de oferecer aqui um exemplo de comunicação praticada para o desenvolvimento, o estudo de caso foi feito com uma organização ambientalista que atua na formulação de políticas públicas relacionadas à melhoria da qualidade de vida. Uma organização que se preocupa com as barreiras ainda existentes no acesso as novas tecnologias e por isso atua com comunicação digital, sem eliminar a presença física e o trabalho de base comunitária.

O Instituto Ambiental Vidágua é uma organização sem fins lucrativos e sem vínculo político-partidário, que foi fundada em 1994, em Bauru, Estado de São Paulo, Brasil, atuando na articulação da sociedade civil em defesa do meio ambiente.

A referida organização soube utilizar as ferramentas comunicacionais e aproveitar os espaços tecnológicos para legitimar e ampliar sua atuação. Com trabalhos inicialmente locais, utilizou a comunicação para expandir conceitos, projetos e acima de tudo, ganhar visibilidade na

sociedade e produzir comunicação para mudança de comportamento, primando pelo enfoque ecológico.

A organização foi fundada aproveitando o impulso da Eco 92, com objetivo de desenvolver projetos para contribuir com o desenvolvimento sustentável da região. Com isso, iniciou ações de reflorestamento de matas ciliares em córregos e rios localizados em Bauru. O estatuto da ONG define que seus programas são voltados para a proteção, recuperação e preservação ambiental. Desenvolve ações de educação ambiental à população, trabalha com direito ambiental, recuperação de áreas degradadas, comunicação, difusão de informação ambiental e programas de voluntariado e estágio.

Além da sede em Bauru, a ONG conta desde 2005, com uma base no Vale do Ribeira, em Iguape (SP), onde desenvolve o Programa Mata Atlântica, com trabalhos para a conservação do bioma, através do desenvolvimento sustentável das comunidades virtuais.

4.2 Comunicação digital e virtual

Os trabalhos ganharam visibilidade e abrangência com o auxílio de ferramentas tecnológicas que publicizaram a ONG, em especial, a mídia digital, escolhida devido a praticidade, baixo custo e largo alcance.

Em 1997, o Vidágua ganhou sua primeira página na Internet (www.vidagua.org.br) ainda hoje com o mesmo domínio. Como os recursos institucionais são escassos para produção de materiais impressos e postagens, a organização viu na Internet um

locais. Neste âmbito, o instituto trabalha comunicação ambiental com populações caiçaras e ribeirinhas realizando atualmente, amplo projeto de recomposição florestal em parceria com a comunidade local.

O Instituto Ambiental Vidágua conseguiu se consolidar como a maior ONG da região centro-oeste do Estado de São Paulo, em projetos aprovados e ações realizadas. Por este motivo, é fonte constante de jornais, rádio e TVs da região. De acordo com o *clipping* da instituição, em 2005 foram 82 registros em um único jornal diário do município - Jornal da Cidade. Em 2006, 53 inserções no mesmo jornal, uma média de quatro registros por mês. Em nível nacional, os dirigentes da ONG deram entrevistas, em 2006 e 2007, para os jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo e Valor Econômico, além de publicações especializadas em meio ambiente.

A instituição também é produtora de informações, através, principalmente das tecnologias

meio para formular boletins informativos, manifestos, e difundir questões ambientais e institucionais, contribuindo com o desenvolvimento local. O *site* da ONG tornou-se um portal de informações ambientais com acesso irrestrito, trazendo notícias atuais, histórico do município de Bauru e temáticas ambientais tratadas de maneira simples e didática. Distribui gratuitamente um boletim eletrônico com assuntos ambientais, dicas de comportamento ecologicamente corretos,

eventos e manifestos para cerca de dois mil endereços eletrônicos cadastrados.

Com este primeiro portal eletrônico, a ONG iniciou um projeto de expansão, com divulgação massiva e uma comunicação ambiental especializada e voltada para benefícios coletivos.

Atualmente, a página virtual da instituição recebe 170 mil acessos mensais. A principal ferramenta de comunicação formal e informal é o e-mail, com um *Mailing* composto por 2000 nomes. Só em 2007, foram 453 solicitações de entrevistas e pedidos de informações ambientais, via Internet.

Em 2000, a instituição idealizou, em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, o Programa Clickarvore, que permite o reflorestamento virtual de mudas nativas da Mata Atlântica, através do *site* www.clickarvore.com.br. O internauta planta virtualmente, árvores que serão efetivamente plantadas em áreas com projeto de reflorestamento, nos 17 Estados que possuem Mata Atlântica. Os plantios são financiados por patrocinadores do Programa.

4.3 Políticas Públicas

Para atuar diretamente na formulação de políticas públicas, a ONG passou a fazer parte das principais redes de ONGs do país – Rede de ONGs da Mata Atlântica, Rede de ONGs do Cerrado, Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais, Rede Brasileira de Informações Ambientais, Rede Brasileira e Estadual de Educação Ambiental, atuando muitas vezes, como protagonista de manifestos. Estas redes congregam diversas organizações com objetivos comuns e atuam como coletivos

Além do *site* institucional mantém 4 *sites* próprios de projetos específicos, com acesso também irrestrito e primando pela interatividade:

www.clickarvore.com.br

www.prea.org.br (Programa Regional de Educação Ambiental) espaço para professores, alunos e organizações cadastrarem projetos em Educação Ambiental e conhecem diversos temas envolvidos

www.ciliosdoribeira.org.br. Projeto de recomposição de Matas Ciliares feito em parceria com prefeituras e comunidades ribeirinhas e quilombolas do Vale do Ribeira. O *site* traz informações e permite o cadastramento de apoiadores e interessados em participar do projeto

www.carbonozero.org.br. Ampla campanha, envolvendo comunicação e educação ambiental voltada para reduzir a emissão de gases poluentes na atmosfera, através da mudança de comportamento e projetos de reflorestamento.

de reivindicações, desenvolvendo projetos e ações pela preservação de determinados biomas e de seus povos tradicionais, incluindo as questões culturais e de sobrevivência.

No caso da Rede de Informação Ambiental, o objetivo é unir profissionais da comunicação para trabalharem por pautas ambientais e sociais em diversos âmbitos: grande mídia, terceiro setor, comunidades.

Já nas redes de Educação Ambiental são realizadas discussões pedagógicas e elaborados,

juntamente com governos federal e do Estado, documentos para transversalidade do tema ambiental em sala de aula. Este foi o caso da formulação da Política Estadual de Educação Ambiental, com minuta elaborada pelo movimento ambiental.

Recente movimento encabeçado pelo Instituto Ambiental Vidágua para Preservação de uma floresta urbana no município de Bauru, ameaçada por empreendimento imobiliário, mobilizou 16 mil pessoas a participarem de um abaixo assinado para manutenção da área, reivindicando a criação de um tipo de Unidade

4.4 Educação e Comunicação Ambiental

Uma das principais frentes da ONG é a Educação Ambiental, auxiliada pelo processo de comunicação, através das informações nos *sites*, publicação de cartilhas específicas e presença física para aperfeiçoar o conteúdo. A estimativa é que as palestras tenham sido ministradas para 50 mil pessoas entre jovens, crianças, adultos e grupos de terceira idade.

A instituição também trabalha com comunidades ribeirinhas, no Vale do Ribeira, com indígenas da Aldeia de Araribá e com assentamentos rurais na região de Bauru. O trabalho com estes grupos alia informação digital e conteúdos simplificados. Um recente projeto que será iniciado em Assentamento Rural, propõe a formulação de jornais comunitários mensais, em que os próprios assentados vão aprender a produzir comunitariamente as informações sobre o meio em que vivem. O objetivo é realizar oficinas sobre o processo de produção da notícia, para que a comunidade passe a contar sua própria

de Conservação. Para tal empreitada, a instituição contou com divulgação no *site*, emails e manifestos virtuais.

O Vidágua é atualmente representante das ONGs no Conama (Conselho Nacional de Meio Ambiente) e conseguiu se inserir no cenário internacional. Participou de reuniões com Banco Mundial, em 2004, devido a sua constante atuação em redes ambientais, e em 2002, fez parte da comitiva que representou o Brasil na Conferência Rio+10, em Johannesburgo.

história em formato de um Jornal Mural, exercitando a escrita e resgatando os valores de partilha e auto-estima, dentro de um meio reprimido pelas mazelas sociais.

Ainda dentro das práticas de Educação Ambiental foi criada por iniciativa própria a Rede Regional de Educação Ambiental, com principal objetivo de congregar professores da região para discutir como abordar a questão ambiental nas escolas. A Rede faz parte de um amplo projeto de capacitação de professores da rede pública em Educação Ambiental – o Programa Regional de Educação Ambiental (www.prea.org.br) . Este projeto teve como ferramenta básica a comunicação, com criação de *site* informativo, cartilhas e vídeo sobre os temas ambientais, além do grupo de discussão virtual.

4.5 Programa radiofônico “Atitude”

Em meio a enxurrada de ferramentas tecnológicas, na tentativa de ressaltar que o entendimento da questão ambiental, toda sua diversidade e interdisciplinaridade, não podem ser privilégio da rede virtual, ONG desenvolve o programa radiofônico “Atitude”.

O programa é uma parceria Unesp FM e Instituto Ambiental Vidágua, com apoio do Departamento de Ciências Biológicas da Unesp de Bauru, veiculado com o objetivo de disseminar a questão ambiental de forma abrangente e responsável.

O rádio evidencia-se como um instrumento para transmissão de educação não-formal. A abrangência deste veículo é um fator determinante.

O programa tem o propósito de passar conhecimentos, no viés da educação ambiental, tratando das principais questões ambientais de forma global e local, apresentando informações que evidenciam a problemática e oferecendo soluções para os impasses ambientais, visando alertar e conscientizar o máximo possível de pessoas, independente de gênero, grau de escolaridade, crenças ou ideologias.

O nome do programa, “Atitude”, conota não apenas a reflexão, mas também a mobilização e comprometimento. Os recursos utilizados com música, vozes e ruídos em fundo, evidencia a idéia do meio ambiente em toda sua pluralidade e diversidade. Além disso, foram criados quadros para chamar atenção do

ouvinte e “traduzir” a temática, como é o caso do vocabulário de termos ambientais e o repórter cidadão. Para produção do programa, são realizadas entrevistas com os especialistas do próprio Instituto Vidágua, do Departamento de Ciências Biológicas da Unesp de Bauru, e também especialistas de órgãos públicos ambientais, a fim de explicar o funcionamento das políticas ambientais na prática. Sonoras de pessoas comuns opinando sobre o assunto em questão, no formato de enquete, também estão presentes em determinadas edições, justamente para gerar proximidade com o ouvinte e fugir da idéia de discurso competente.

As temáticas são tratadas, por séries, de maneira incisiva, com o maior numero de informações possíveis, tentando esgotar as possibilidades de informação. Conceitos de consumo consciente e desenvolvimento sustentável estão sempre presentes nos programas, enfatizando que as necessidades humanas devem ser atendidas, pensando no não esgotamento das fontes de satisfação destas necessidades.

Mais do que informar sobre a questão ambiental, o programa tem a intenção de contribuir para o conhecimento da realidade ambiental, mostrando a situação dos recursos naturais e as iniciativas locais.

5. Discussões finais

Este trabalho evidenciou a importância das ferramentas de comunicação para ampliar o trabalho desenvolvido por organizações não governamentais ambientalistas. Neste breve exemplo, com dados quantitativos e descrições não é possível alcançar a dimensão das ações do Instituto Ambiental Vidágua, que há 13 anos desenvolve projetos para preservação do meio ambiente, mas que prima por um papel mais efetivo da sociedade na reivindicação de seus próprios direitos e melhoria da qualidade de vida.

As estratégias criadas pelo Instituto Vidágua de priorizar a comunicação virtual, a princípio não só ampliou a visibilidade, mas também otimizou recursos e proporcionou maior acesso entre os cidadãos. Mas vale considerar que ainda há os excluídos do processo digital ou mesmo aqueles que não sabem usufruir destas ferramentas e neste sentido, é preciso um trabalho integrado, que ofereça meios presenciais e auxilie no entendimento do espaço virtual.

O tipo de comunicação desenvolvida pela ONG em questão, em o firme propósito de gerar mudança em seus públicos no que se refere ao desenvolvimento sustentável. O objetivo principal dos projetos desenvolvidos

pela ONG, todos ocorrendo também de forma presencial, é informar de maneira abrangente, embutindo conceitos de educação ambiental, a fim de mobilizar o cidadão para o exercício da sua cidadania, entendendo o amplo processo de gestão das mudanças ambientais e seu papel na preservação do meio ambiente.

O resultado da atuação não pode ser medido com exatidão, mas é evidenciado pela legitimidade que a organização adquiriu ao longo dos anos e pela interatividade e respeito que mantém entre seus públicos.

Grupos, entidades, movimentos sociais mostram-se como importantes agentes, atuando incisivamente na construção de uma sociedade do conhecimento mais democrática e participativa, com um tipo de comunicação mobilizadora, educativa e cidadã. É justamente esta comunicação que pode, mesmo que timidamente, gerar mudanças e auxiliar no desenvolvimento socioambiental.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. *In*: D. de MORAES (org.), **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 255-288.

DRUETTA, D.C., CABALLERO, F.S. **Sociedad de La Informacion y Educación Telemática. Economía, políticas y lógicas de socialización del conocimiento**. 2007 (mimeo).

FREIRE, G. **Educação Ambiental – princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2003.

JACOBI, P. **Meio ambiente e redes sociais: dimensões intersetoriais e complexidade na articulação de práticas coletivas**. Disponível em: <http://www.repea.org.br/redesea/conceitos/rapartigopj2000.doc>. Acesso em: 02/05/2007

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEIS, H. R; D'Amato J. L.. O ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. *In*: CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1995. p.77-103